



MUBE: INSERÇÃO DA OBRA NA PAISAGEM E SUA RELAÇÃO COM O ENTORNO

ALVES, Rosana.¹
FARIA, Maynara.²
GONZAGA, Danieli.³
NENEVE, Thamara.⁴
ANJOS, Marcelo.⁵

RESUMO

O Modernismo foi um marco na arquitetura mundial, e sua importância é indiscutível. Na primeira metade do século XX, um novo modelo moderno se propunha quebrar os paradigmas que os ligavam ao passado, provocando grandes revoluções no pensamento arquitetônico. Essa influência chegou no Brasil, somente nos anos finais da década de 20, representada principalmente por Le Corbusier. Arquitetos e engenheiros ajustaram os pontos modernistas para que atendesse a realidade brasileira, resultando em uma arquitetura original, reconhecida mundialmente, e em poucos anos se espalhou por outros lugares do país. Na década de 50 o brutalismo ganha destaque no Brasil e se torna uma tendência entre os arquitetos que buscavam essa ruptura, entre eles destaca-se o arquiteto Paulo Mendes da Rocha que fez uso desse artifício para expressar uma nova identidade em suas obras. O presente trabalho analisa uma das obras do referido arquiteto, o Museu Brasileiro da Escultura (MUBE). O objetivo é verificar como a obra se insere na paisagem e qual é a sua relação com o entorno.

PALAVRAS-CHAVE: Mube, Modernismo, Paulo Mendes da Rocha, Paisagem.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda a análise e reflexão da forma do Museu Brasileiro da Escultura, a mesma não expressa um desejo formal, nem tão pouco é um objeto isolado em um fundo neutro, longe disso, é resultado de um desenho simples que posicionado de forma estratégica, faz uso da topografia do terreno visando resolver o projeto e como consequência define a volumetria da obra. Assim, considera-se que este trabalho se justifica uma vez que visa analisar e entender a inserção da obra na paisagem e como se relaciona com o sitio/entorno.

¹Acadêmica do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail:danielligonzaga@hotmail.com

²Acadêmica do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail:robazeleski@hotmail.com

³Acadêmica do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail:maynaraketherydefaria@hotmail.com

⁴Acadêmica do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail:thamarasadovnikneneve@hotmail.com

⁵Professor orientador da presente pesquisa. E-mail:anjios@fag.edu.br

Na problemática da pesquisa indaga-se: Qual é a relação da obra com seu sitio/e seu entorno? Como ela se insere na paisagem?

Intencionando a resposta ao problema da pesquisa, foi elaborado o seguinte **objetivo geral**: Compreender como a referida obra se insere na paisagem, e como se relaciona com o entorno. Para o atingimento desse objetivo geral, foram formulados os seguintes **objetivos específicos**: a) apresentar o arquiteto Paulo Mendes da Rocha b) compreender o que é paisagem c) analisar a obra; Museu Brasileiro de Escultura d) analisar e refletir sua obra através de bibliografias e fotos já publicadas.

2. MODERNISMO, ESCOLA PAULISTA, BIOGRÁFIA E MUBE.

2.1 MODERNISMO

O Modernismo foi movimento artístico e cultural, com seu início na Europa e no Brasil recebeu como influência a partir da primeira década do século XX, através de manifestos de vanguarda, sobretudo em São Paulo, e da Semana da Arte Moderna, que ocorreu em 1922. Representou uma nova fase estética seguindo tendências que já vinham surgindo, baseado na valorização da realidade nacional, repercutindo e envolvendo vários aspectos, sociais, tecnológicos, econômicos e artísticos (PINTO, 2004).

Os arquitetos modernistas adicionavam em seus projetos fatores como o racionalismo e funcionalismo, apresentando características comuns como, formas geométricas definidas, plantas livres, uso de pilotis, janelas em fita ao invés das aberturas tradicionais. Entre os arquitetos que iniciaram o movimento moderno no Brasil, destacaram-se Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Attilio Correa Lima, os irmãos Marcelo e Milton Roberto. A década de 30 marcou o conflito entre o neocolonial, que dominava a arquitetura brasileira no momento e o Modernismo, que começava a ganhar espaço (PINTO, 2004).

O movimento se materializou através da primeira obra que o representou o prédio do Ministério da Educação e Saúde – MES, realizado em 1936, no governo de Getúlio Vargas, projetado por: Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira e Ernani Vasconcelos, liderados por Lúcio Costa (PINTO, 2004).

Com o término da segunda guerra mundial, o modernismo oferecia luz, conveniência, e libertação, um lugar que proporcionava cura em todos os sentidos trazendo na a arquitetura novas formas de fuga e libertação, arquitetos havia servido como oficiais nas forças armadas, e por este motivo queriam construções isentas de qualquer associação política (PINTO, 2004).

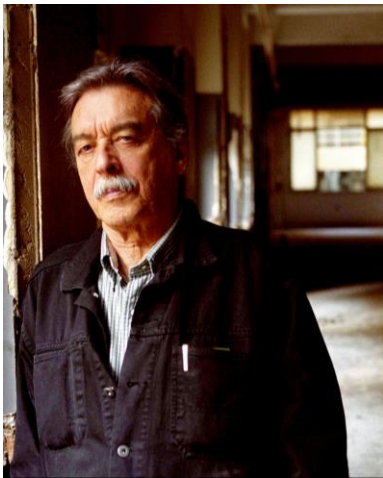
2.2 ESCOLA PAULISTA

Segundo a visão de Ruth Verde Zein (2006), a arquitetura da Escola Paulista Brutalista, como sendo de maneira sistemática, pois cria-se um conjunto de conceitos e ideias de valorização, implantando-a no momento histórico que a baseou e marcou, dificultando que ela seja considerada como vigente, permitindo que possa ser revivida de maneira secundária e imagética. Para o entendimento da arquitetura da Escola Paulista Brutalista é imprescindível a análise e afirmação do reconhecimento de suas similaridades que visa outras intenções no jogo da arquitetura paulista, brasileira e internacional. A moldura para o reconhecimento são as diferenças e particularidades da Arquitetura da Escola Paulista Brutalista (ZEIN, 2006).

Essa complexa matriz de referências aceita e recusada, aproveitada e rejeitada, é a moldura indispensável para um reconhecimento aprofundado das diferenças e peculiaridades da arquitetura da Escola Paulista Brutalista, que só valorizando a intenção original e de interesse cultural no domínio paulista, brasileiro e provavelmente internacional. A Arquitetura da Escola Paulista Brutalista deve ser vista com um olhar arquitetônico e reconhecida por seus valores no mundo todo. Libertar-se das ligações conceituais que limitaram até hoje os seus estudos (ZEIN, 2006).

2.3 BIOGRAFIA- Paulo Mendes da Rocha

Paulo Mendes da Rocha



Fonte: www.paulomendesdarocha.wordpress.com

Em 25 de Outubro de 1928, nasceu em Vitória (ES) Paulo Archias Mendes da Rocha, sobre influência do pai um grande engenheiro e respeitado professor da Universidade de São Paulo, cresceu vendo a capacidade do homem de intervir na natureza de forma detalhista, o avô, Francisco Mendes da Rocha, foi diretor de navegação do Rio São Francisco e da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (CICACCIO, 2006).

Ele próprio seguindo o mesmo rumo, formou-se em 1954 pela Faculdade De Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. Desenvolvendo a partir dos anos 60 sua carreira acadêmica. Convidado por Joao Batista Vilanova Artigas, que foi mentor da Escola Paulista da Arquitetura Brasileira ajudou a valorizar a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo. Com a visão humanista, influenciou muitas gerações de arquitetos e artistas. Devido a ditadura militar, em 1969, ambos foram impedidos de continuar à frente de seus postos, retomando somente em 1980 depois da Anistia. Após a morte de Artigas, Mendes da Rocha continuou lecionando com a mesma paixão até sua aposentadoria, que ocorreu em 1999 (CICACCIO, 2006).

Nas últimas décadas o arquiteto tem se destacado na arquitetura brasileira contemporânea, sendo premiado em 2006 com o Prêmio Pritzker, o mais importante da arquitetura mundial, graças a arte de modificar a paisagem e o espaço com sua obra, atendendo as necessidades sociais e estéticas do homem. Mendes da Rocha projeta seus prédios com harmonia entre a arquitetura e a natureza. Somente Oscar Niemeyer o antecedeu nesse prêmio em 1988 (CICACCIO, 2006).

Sua arquitetura é exemplo da Escola Paulista da arquitetura brasileira, apesar das severas críticas nas últimas décadas pelo auto custo socioeconômico, prega-se uma arquitetura crua, limpa e com responsabilidade social. Caracteriza-se pela postura rígida, certa sobre o território, dominando o sítio, seja mudando a topografia, ou agindo sobre o entorno (CICACCIO, 2006).

Ela é inserida no insurgente perímetro urbano de São Paulo, propondo uma interrupção e reflexão na forma de se projetar. Através da forma regular o arquiteto expressa confiança na obra possibilitando sua inserção e reorganização do espaço urbano. Por traz de toda imponência do concreto e a monumentalidade de suas obras, fica claro que Mendes da Rocha mergulha na concepção, aguçando a curiosidade de compreender a essência do projeto arquitetônico. Suas obras são determinantes na concretização da arquitetura moderna brasileira, em análise a suas obras produzidas, é nítido que dois aspectos importantes se destacam (SOLOT, 1997).

No primeiro momento, na implantação do modernismo na arquitetura brasileira, enquanto discutiam-se dualidades como, priorizar forma ou função, preservar a tradição ou modernizar, natureza e cultura, continuar produzindo artesanalmente ou ceder a tecnologia industrial, Paulo Mendes da Rocha assume uma postura objetiva diante destas problemáticas, fugindo do âmbito intelectual da época, reconhece a importância desses paradigmas, associado as influências de Oscar Niemeyer e Lucio Costa, porém sem aplica-las na íntegra de forma verbal ou formalmente. Em segundo aspecto ele radicaliza, retomando as tendências da construção europeia e assemelhando com as diretrizes que norteiam as artes plásticas que criou os movimentos concreto e neoconcreto do país, resultando em um diferencial na estética brutalista do segundo pós- guerra da Europa. É notório nas obras de Paulo Mendes da Rocha a intenção de ultrapassar os princípios naturalista, visando a alcançar a dimensão absoluta de expressão racional (SOLOT, 1997).

2.1.1.MUBE- Museu Brasileiro da Escultura

O prédio analisado representou um desafio para o arquiteto Paulo Mendes da Rocha, o projeto original foi produzido para participar de um concurso, sendo necessário apresenta-lo em um prazo de dez dias juntamente com as soluções para resolver a difícil concretização da obra.

Inaugurado em 1995 no bairro Jardim Europa em São Paulo, o MuBE – Museu Brasileiro da Escultura possui uma área de 7.000 m², sendo uma das mais importantes do arquiteto, o museu é uma instituição privada, porém de interesse público, projetada para abrigar diversos seguimentos da arte, como esculturas, pinturas, fotografias, grafites, desenho, música e cinema. Com uma programação diversificada e com a atenção voltada especialmente para a produção de esculturas brasileiras, o museu recebe cerca de 100 mil visitantes por ano, afim de apreciarem as obras atuais de artistas reconhecidos internacionalmente, participar das atividades educativas e culturais, como cursos, palestras, recitais, feira de antiguidades, gastronomia, peças teatrais, filmes e vídeos ou para conhecer a obra (MOTA, 2011).

Mube



Fonte: www.mube.art.br



Fonte: www.mube.art.br

Sua proposta inicial é inovadora: ser um museu com acervo itinerante, as obras são expostas nos espaços internos e externos, sendo as áreas internas, o Grande Salão, a Sala Pinacoteca e a Sala Burle Marx e o auditório para 192 visitantes, e no ambiente externo o espaço é complementado por um jardim projetado por Burle, um espaço gastronômico e uma loja de souvenirs. O museu chega a receber uma média de 25 exposições anuais, todas sem cobrança de ingressos. São oferecidas visitas acompanhadas de um educador para crianças, estudantes e terceira idade (MOTA, 2011).

Entre as iniciativas, desenvolve-se projetos que visão expandir o museu para além dos limites territoriais. O MUBE virtual é abastecido de um vasto acervo sobre esculturas brasileiras disponível gratuitamente para consultas online. Com a ajuda de seus parceiros, através deste e outros projetos, promovem a responsabilidade socioambiental, e disseminam a arte e a cultura pelo país. O prédio não se destaca apenas por sua estrutura física, sua riqueza artística e ideológica o difere dos museus tradicionais. É imensurável seu valor enquanto arte sua carga simbólica é um legado histórico (MOTA, 2011).

As principais características arquitetônicas de Paulo Mendes da Rocha são abreviadas no prédio do MUBE. A execução do projeto exigiu grandes ideias para solucionar as problemáticas que instalaram-se, diante das restrições legislativas e dimensões inapropriadas para a construção de um museu, por se tratar de uma área residencial. Para que os recuos do terreno e a altura do prédio fossem respeitados de acordo com a legislação vigente sobre essa área, o arquiteto maximizou a área útil construída sem diminuir a área livre que existia, a planta do museu foi projetada por todo perímetro do terreno (SOLOT, 1997).

Para criação praça a topografia do terreno sofreu acentuações e foram geometrizadas, preservando porém as diferentes cotas de níveis existentes. Acima do nível da praça apenas a grande viga suspensa foi edificada, atravessando todo terreno sendo apoiada somente nas extremidades. O Museu atinge um equilíbrio entre o primitivismo tradicional e o espaço moderno proposto pela nova arquitetura. A área livre e contínua, aparente entre a praça e a entrada do museu supõem uma integração convidativa. A contra ponto a entrada da galeria faz uma alusão as tradicionais entradas das grutas primitivas. O interior desta galeria construída no subsolo, cria um ambiente fechado, com iluminação direcionada principalmente para as obras, como nas grutas, a luz natural penetra ocasionalmente no ambiente, através de grelhas instaladas no piso da praça (SOLOT, 1997).

A simplicidade organizacional do espaço nas superfícies planas horizontais, atribuíram a forma e a sua integração no entorno a união de do lote – rua- lote –construção, destacando o interior do museu de forma contínua e ininterrupta. As formas geométricas puras utilizadas e a redução dos espaços interiores fornecem a obra uma liberdade realmente abstrata, afastando-a da realidade empírica. Entretanto o concreto bruto e opaco, a qual a aspereza e rusticidade é acentuada pelas marcas das formas usadas na concretagem, garantem uma ligação da obra com sua sensibilidade (SOLOT, 1997).

3. METODOLOGIA

A metodologia adotada foi pesquisa bibliográfica, que para Lakatos e Marconi (2003) consiste em pesquisar o tema de estudo em bibliografias já publicadas, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos.

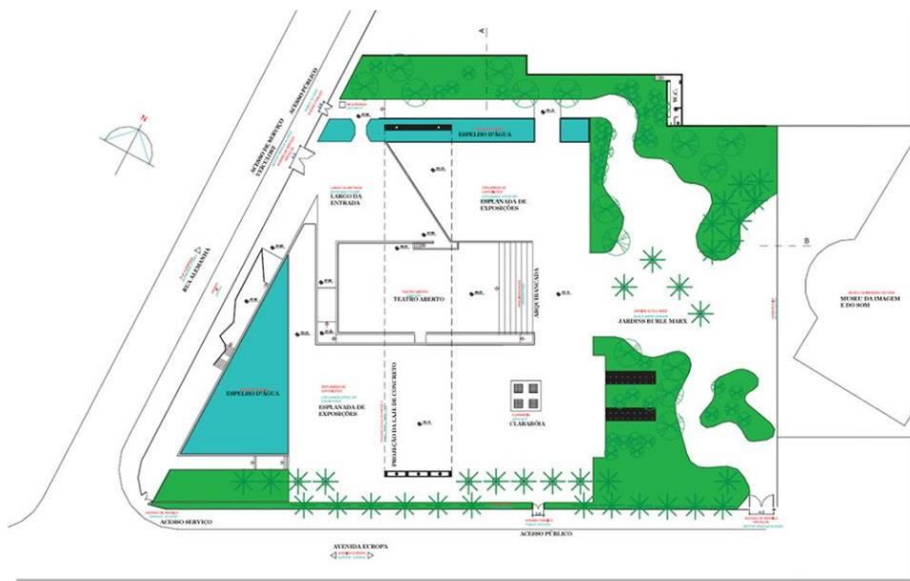
Com o objetivo de resolver a problemática foi realizado o procedimento de estudo de caso, que tem como característica o estudo aprofundado permitindo um conhecimento mais amplo e detalhado, (GIL, 2008, p.57). A obra selecionada para análise, Museu Brasileiro de Escultura de Paulo Mendes da Rocha possui uma linguagem arquitetônica incomum, que deixaram lacunas a serem preenchidas com esse estudo mais aprofundado.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

O MUBE está inserido em um bairro de São Paulo com terrenos para construção de residências isoladas no lote, com previsão de generosa arborização, o terreno constitui em um lote triangular. O cruzamento das ruas favorecido pelo desnível do terreno permite uma ótima visão para pedestres e carros, o que possibilitou também para a implantação do prédio. A entrada marca presença – como se fosse uma escultura. No mesmo nível da ampla praça, a grande laje, muito baixa com relação ao pé direito, induz o visitante a olhar em direção ao piso, levando-o a descer e adentrar ao interior do museu. Nesse momento é

possível perceber que a dimensão do grande pilar que a sustenta, faz dessa marquise a medida horizontal e vertical do terreno. Por esse motivo ela não é apenas compreendida como um simples objeto dentro do terreno, mais sim como a escala visual de todo projeto. Deixando de ser um monumento e tornando-se um marco (ALVES, 2016).

Implantação do MUBE



Fonte: www.pa3museu.blogspot.com.br

O projeto caracteriza-se pela forma espacial e os grandes vãos. Inserida em um terreno acidentado, a obra exibe uma expressão de contraste e desafiadora, onde o espaço destinado a exposição é circulável desde seu interior e confronta-se com o entorno através de uma continuidade externo-interior, por meio de rampas, escadas e luz natural zenital e lateral. O declive do lote favorecendo e o programa reduzido, permitiram que o fluxo da obra ocorresse em grande parte no subsolo, permitindo além espaço destinado a praça, dos espelhos d'água e os caminhos e escadas de aproximação do interior, um grande marco de concreto aparente (ALVES, 2016).

MUBE

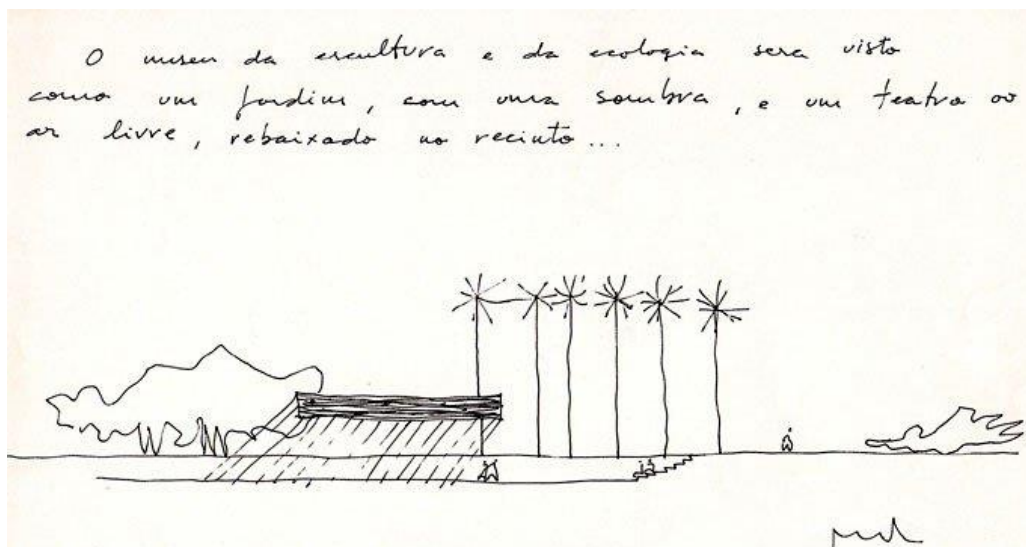


Fonte: www.lounge.obviousmag.org

A praça é iluminada por apenas um poste alto e cenográfico, que ilumina diversos pontos espalhados pelo terreno, o que descartou a necessidade de utilizar vários postes pequenos (ALVES, 2016).

O MUBE possui uma particularidade na escala que se relaciona em perfeito equilíbrio com seu entorno e com bairro em que se situa. Não é pequeno, e nem gigante. Muito além de um simples prédio é uma praça, ponto de encontro, contato social, com a arte e expressão cultural. O próprio prédio pode ser considerado uma escultura. A enorme marquise da entrada permite acesso ao museu no subsolo, mais também é um espaço de convivência, palco de apresentações artísticas e exposições. A obra uniu-se paisagem e apresenta um grande potencial a ser explorado em toda complexa relação com a cidade. O horizonte completa, fazendo fundo ao cenário. O prédio e sua arquitetura é o patrimônio mais valioso que o MUBE possui (ALVES, 2016).

Croqui MUBE



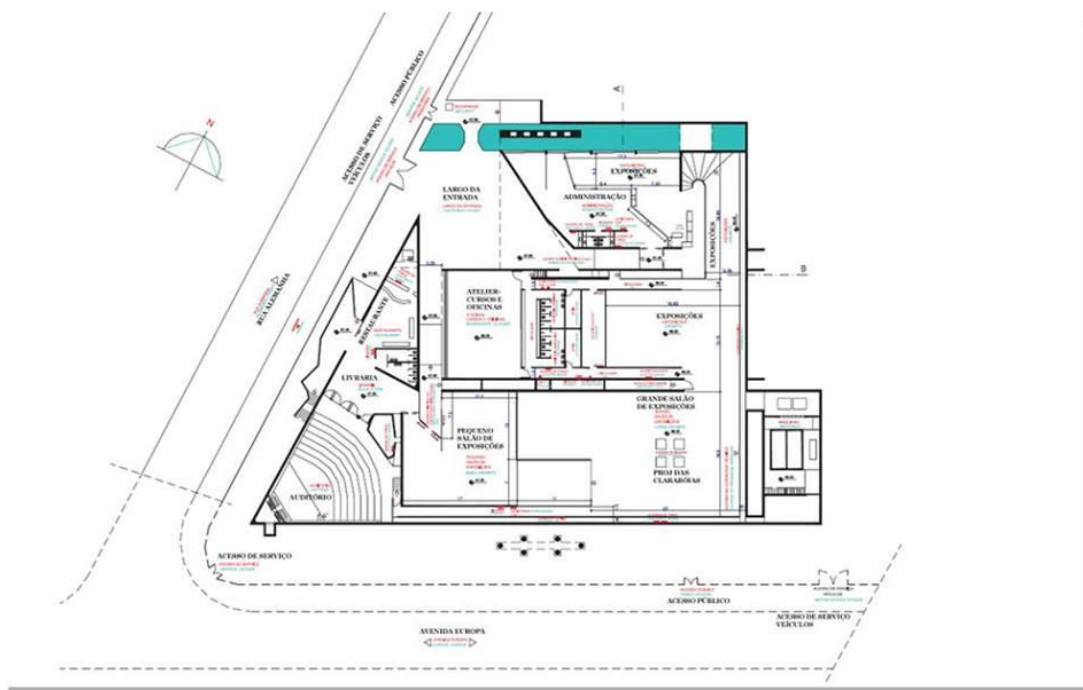
Fonte: www.lounge.obviousmag.org

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na obra analisada fica claro que o arquiteto faz uso da concepção estrutural como parte da arquitetura, sendo complementada pela concepção arquitetônica. Em um projeto desse nível de dificuldade é fundamental essa ligação.

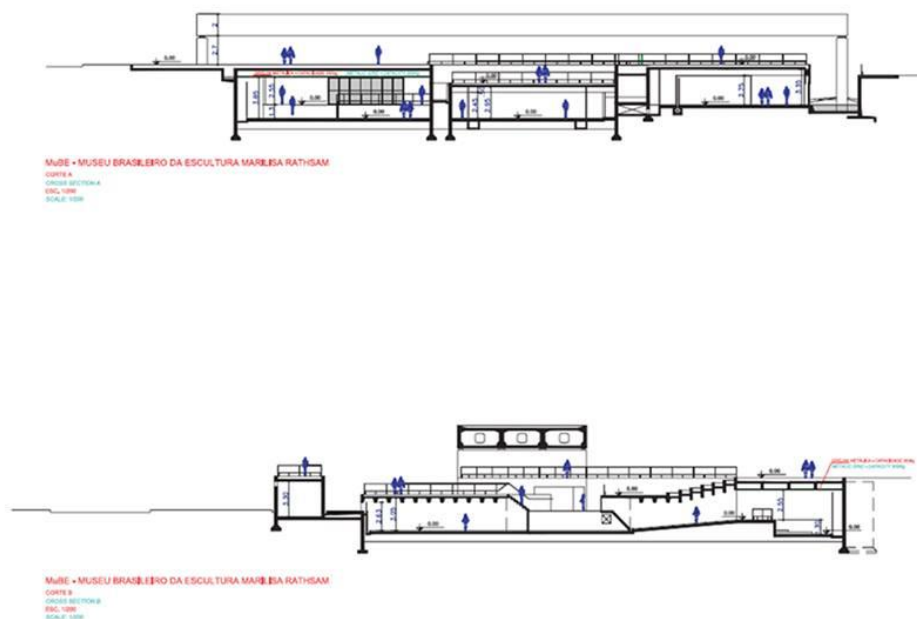
Paulo Mendes da Rocha intencionou em seu projeto criar um monumento que marcasse a cidade, entretanto que se relacionasse harmonicamente com do bairro residencial, mais que ao mesmo tempo torna-se evidente para o visitante o conceito de monumentalidade do prédio. Mendes da Rocha fez uso da topografia do terreno, utilizando o subsolo, como solução utilizou paredes estruturais e muros de arrimo, o que resultou em grandes vãos livres nas galerias de exposições.

Implantação do MUBE



Fonte: www.lounge.obviousmag.org

Corte Mube



Fonte: www.lounge.obviousmag.org

A organização espacial da obra no meio ambiente, nos permite compreender a sua relação com o entorno de forma equilibrada, sem grande intervenção na natureza. A relação interno e externo ocorre de forma natural, sendo quase impossível delimitar onde acaba o museu e começa o espaço externo. Dessa forma o objetivo do arquiteto de propor um novo conceito de museu foi alcançado, os espaços se complementam.

REFERÊNCIAS

CICACCIO, A. M. **Revista Memorial da América Latina, Nossa América**. 24.ed. São Paulo: Unicamp, 2006.

GIL, C. A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GURGEL, S.F. **A Arquitetura de Paulo Mendes da Rocha**. Disponível em: http://lounge.obviousmag.org/fuga_do_ponto/2013/04/paulo-mendes-da-rocha.html. Acesso em 05/09/2016.

JELLYCOE, G.; JELLYCOE, S. **El paisaje del hombre: la conformación del entorno desde la prehistoria hasta nuestros días**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1995.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MOTA, D. **Mube O museu**. Disponível em: <http://mube.art.br/o-museu/>. Acesso em 05/09/2016.

PINTO, PEDRO. **O Modernismo**. Escola Secundária Padre António Martins Oliveira de Lagoa, 2004.

SOLOT, C. DENISE. **Mestrado em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Tema da Dissertação: “A Paixão do Início na Arquitetura de Paulo Mendes da Rocha”**. Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: http://www.docomomo.org.br/seminario%203%20pdfs/subtema_A2F/Denise_solot.pdf. Acesso em 30/03/2016.



14º ENCONTRO
CIENTÍFICO CULTURAL
INTERINSTITUCIONAL

“EMPODERAMENTO DO INDIVÍDUO”



ZEIN, V. RUTH. Tese de doutoramento apresentada como requisito para a obtenção do título do Doutora em Arquitetura, A arquitetura da Escola Paulista Brutalista 1953- 1973. São Paulo e Porto Alegre, 2005.